PRÁXIS e Hegemonia Popular

SEÇÃO
Artigo

GRAMSCI E UMA TEORIA GERAL DO MARXISMO – 2

GRAMSCI AND A GENERAL THEORY OF MARXISM – 2

GRAMSCI Y UNA TEORÍA GENERAL DEL MARXISMO - 2

Angelo D'Orsi[1]

RESUMO
Durante seu período de prisão, incluindo anos na clínica, sempre em condições de detenção, Gramsci foi forçado a mudar sua situação - isto é, a perda da liberdade pessoal, a derrota de seu partido e todo o movimento proletário na Itália e na Europa - reconsiderar a mesma concepção da revolução, sem contudo renunciar a essa perspectiva. Mas deve mudar sua natureza, suas modalidades: não mais um ato, mas um processo destinado a construir uma contra-hegemonia ao poder burguês, um processo que se baseia no papel fundamental dos intelectuais orgânicos na classe proletária. Mas, para chegar a essa conclusão, Gramsci precisa inovar poderosamente a concepção marxista, abandonando primeiro a dogmática do marxismo-leninismo imposta pela Rússia e pelo Comintern, iniciando e introduzindo novos elementos no mesmo corpo do pensamento de Marx, por exemplo, sobre o assunto, o papel do Estado, a identificação e definição das classes dominadas, não mais simplesmente "proletários" ou "trabalhadores", mas

[1] **Angelo d'Orsi** è stato professore ordinario di Storia del pensiero politico all'Università di Torino. Ha insegnato anche numeose altre discipline. È stato *visiting professor* in vari atenei, in particolare in Brasile e in Francia. Studioso del pensiero di Antonio Gramsci, si occupa di storia della cultura e degli intellettuali nell'età contemporanea, di nazionalismo e fascismo, di guerre e di pacifismo, di metodologia storiografica e di storia della storiografia. Svolge anche attività di conferenziere a livello internazionale e di commentatore giornalistico. Ha ideato e dirige, dal 2009, "Historia Magistra. Rivista di storia critica" e "Gramsciana. Rivista Internazionale di Studi su Antonio Gramsci" (2013). Dirige la collana "BHM. La Biblioteca di Historia Magistra" (Accademia University Press, Torino 2014-…). È membro della Commissione per l'Edizione Nazionale degli Scritti di Antonio Gramsci e di quella per le Opere di Antonio Labriola. Ha pubblicato oltre 30 volumi, un centinaio di saggi, un migliaio di articoli. Svolge una intensa attività di conferenziere. E-mail: angelo.dorsi@unito.it

I suoi libri degli ultimi anni sono:

Alfabeto Brasileiro. 26 parole per riflettere sulla nostra e *sull'altrui civiltà*, con fotoreportage di Eloisa d'Orsi (Ediesse, Roma 2013); *Inchiesta su Gramsci. Quaderni scomparsi, abiure, conversioni, tradimenti: leggende o verità?* (cura, Accademia University Press, Torino 2014); *Gramsciana. Saggi su Antonio Gramsci* (Mucchi, Modena 2014; Nuova ed. riv. e agg., ivi 2015); *1917. L'anno della rivoluzione* (Laterza, Roma-Bari 2016; ed. portoghese: *1917: o ano che mudou o mundo*, Préfacio de Miguel Real, Bertrand, Lisboa 2017); *Gramsci. Una nuova biografia* (Feltrinelli, Milano 2017, quattro edizioni; Nuova ed. riv. e accr., ivi 2018; trad. portoghese in corso presso Expressão Popular, São Paulo); *L'intellettuale antifascista. Ritratto di Leone Ginzburg* (Neri Pozza, Milano 2019).

https://doi.org/10.36311/2526-1843.2020.v5n6.p93-107

"subalternas", mas também uma nova análise do capitalismo vista não apenas como um modo de produção, mas como uma civilização a ser descoberta, analisada e derrubada, de dentro, em certo sentido, porque, para se tornar dominante, a classe dominada precisa se tornar a classe dominante, conquistando a hegemonia, para então chegar ao poder. Tudo isso configura uma nova teoria geral do marxismo.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética. Marxismo. Ortodoxia. Heterodoxia.

ABSTRACT
During his imprisonment, including years in the clinic, always in detention, Gramsci was forced to change his situation - that is, the loss of personal freedom, the defeat of his party and the entire proletarian movement in Italy and Europe - reconsider the same conception of the revolution, without however renouncing this perspective. But it must change its nature, its modalities: no longer an act, but a process designed to build a counter-hegemony to bourgeois power, a process that is based on the fundamental role of organic intellectuals in the proletarian class. But in order to reach this conclusion, Gramsci needs to powerfully innovate the Marxist conception, first abandoning the dogmatics of Marxism-Leninism imposed by Russia and the Comintern, initiating and introducing new elements in the same body of Marx's thought, for example, the role of the State, the identification and definition of the dominated classes, no longer simply "proletarians" or "workers", but " group underlings", but also a new analysis of capitalism seen not only as a mode of production, but as a civilization to be discovered, analyzed and overthrown, from within, in a certain sense, because, in order to become dominant, the dominated class must become the dominant class, conquering hegemony, to then come to power. All of this sets up a new general theory of Marxism.

KEYWORDS: Dialectic. Marxism. Orthodoxy. Heterodoxy.

RIASSUNTO
Nel periodo della prigionia, compresi gli anni in clinica, sempre in condizioni di detenzione, Gramsci è costretto dal mutare della propria situazione – ossia la perdita della libertà personale, la sconfitta del suo partito, e dell'intero movimento proletario in Italia e in Europa – a riconsiderare la stessa concezione della rivoluzione, senza tuttavia rinunciare a tale prospettiva. Ma deve cambiare la sua natura, le sue modalità: non più un atto, ma un processo volto a costrire una contro-egemonia al potere borghese, un processo che si basa sul ruolo fondamentale degli intellettuali organici alla classe proletaria. Ma per arrivare a tale conclusione, Gramsci ha bisogno di innovare potentemente la concezione marxista, prima abbandonando la dogmatica del marxismo-leninismo imposto dalla Russia e dal Comintern, poi cominciando e introdurre elementi nuovi nello stesso corpo del pensiero di Marx, per esempio in merito al ruolo dello Stato, alla identificazione e definizione dei ceti dominati, non più semplicemente "proletari" o "operai", ma "subalterni", ma anche una nuova analisi del capitalismo visto non solo come un modo di produzione ma come una civiltà, da scoprire, analizzare, e rovesciare, dall'interno, in certo senso, perchè la classe dominata per diventare dominante ha bisogno di farsi prima classe dirigente, ossia conquistare l'egemonia, per poi arrivare al potere. Tutto questo configura una nuova teoria generale del marxismo.

PAROLE CHIAVE: Dialettica. Marxismo. Ortodossia. Eterodossia.

Nos anos 1921-1926, no pensamento de Gramsci parece, então, prevalecer a ortodoxia, o que todavia se desmorona na famosa troca de cartas com Palmiro Togliatti em meados de outubro de 1926[2].

Sobre o episódio se escreveu e, acima de tudo, se especulou muito, ou exaltando a independência de julgamento de Gramsci, a ponto de torná-lo um opositor da primeira hora de

Stalin, por um lado, e exagerando o confronto com Togliatti, ou, pelo contrário, se quis ler essa troca epistolar como expressão de um apoio substancial, por parte do próprio Gramsci, à "maioria" staliniana, reduzindo a relevos marginais seu próprio desacordo: através de uma análise mais aprofundada, desprovida de intenções polémicas, o quadro parece decididamente mais complexo e, não podemos aqui prolongamo-nos, mas considerando o dado de que, como secretário de um partido aderente à Ic, Gramsci não tem total liberdade de manobra[3]. Não podemos dizer como o relacionamento entre os dois líderes italianos se desenvolveria, e muito menos como teria sido o caminho de Antonio Gramsci em uma organização supranacional que rapidamente, na segunda metade da década de 1930, teria sido "russificada", de fato dominada pelo Partido soviético, juntamente com a tomada do poder de Stalin em suas estruturas dirigentes. Mas o tom, além dos argumentos, da carta de Outubro, já nos levam a pensar que não teria sido um caminho tranquilo; e além dos aspectos carateriais, antropológicos, a discordância com Togliatti (que continuaria se Gramsci não tivesse sido preso?), pode ser avaliada como fundada em duas concepções diferentes da política, mais que como um choque entre ortodoxia e heterodoxia. Certamente, ao longo do tempo, cessada subitamente a liberdade pessoal e, portanto, toda a viabilidade política do dirigente comunista, o desalinhamento de Gramsci do Comintern e do PCUS é bastante claro, mesmo que nem sempre límpido, levando em conta as dificuldades de reconstruir de maneira pontual todo momento e todo aspecto desse processo, que não possuiu, naturalmente, apenas um traço ligado à ação política, mas um reflexo filosófico e histórico preciso.

Sobre o caminho teórico de Gramsci após a prisão evidentemente influi, fortemente, a condição: ele é um prisioneiro, é um derrotado, em todos os níveis, do pessoal ao político, tanto em relação ao Partido, que não apenas não liderou as massas em direção à revolução, mas é reduzido à clandestinidade com seus dirigentes caçados pelo regime de Mussolini, quanto em relação às expectativas tragicamente decepcionadas da revolução europeia; mas, em vez de abandonar-se e "desaparecer como uma pedra pela corrente" (como ele mesmo escreve[4]), o que acontecerá no último período, na clínica, a partir do final de 1935), ele não renuncia à perspectiva da luta, embora tenha plena consciência de que será uma luta de longo prazo, que deve começar precisamente a partir do reconhecimento da derrota do movimento proletário internacional, pelo menos na Europa. E, retomando uma ideia que nunca se apagou, dos anos de juventude, ele insistirá sobre o nexo cultura/política, e sobre a importância da preparação cultural da revolução, que assume mais claramente a característica do momento final de um longo processo. A guerra manobrada, ou de movimento, deve dar lugar à guerra de posição.

Se, no nível político, a divergência com o Comintern alcançará o ponto máximo a partir do final dos anos 1920, quando a teoria nefasta do "socialfascismo" foi adotada, no nível teórico Gramsci não se limitará a um progressivo distanciamento do marxismo vulgar, mecanicista, que ele vê encarnado em particular por Bukharin (na época, lembremos, aliado de Stalin; e a polêmica contra o primeiro tem alusões evidentes a "Bessarione", como é chamado o ditador georgiano nos *Quaderni*), mas do próprio marxismo-leninismo. Pode-se até argumentar que a elaboração de um pensamento original por parte de Gramsci nos anos de prisão, proceda em conjunto com o

afastamento daquele sistema doutrinário e, em particular, do hífen (marxismo-leninismo) que alegava se conectar estreitamente, através dos nomes simbólicos de Marx e Lenin, da tradição marxista revolucionária a Stalin, então ditador no sentido pleno da Rússia dos Sovietes.

Na verdade, também começa então uma espécie de viagem dentro do "marxismo de Marx", família ideológica e política à qual Gramsci ainda acredita pertencer, mas para que ele, na versão em voga da época, sente que não é totalmente adequado para dar conta do "moderno". Durante essa viagem, ele arduamente acaba indo além de Labriola, superando a dicotomia marxengelsiana estrutura/superestrutura, e alcançando novos objetivos, pescando livremente em outros autores. Aqui está o conceito de "bloco histórico", uma hendíade que faz a dialética, já obsoleta, dar um passo decisivo adiante em dois "momentos", que ele retoma de Sorel, trabalhando-o livremente. Essa será uma constante do progresso teórico de Gramsci, que é como se ele desse terreno à enorme bagagem cultural que, quase inconscientemente, acumulou tanto nos anos de Turim, quanto na experiência russa e vienense (ainda resta saber se não houve alguma troca com os "austromarxistas"…): de modo que os outros conceitos-chave da elaboração de Turi e Formia (na fase extrema, na clínica romana, ele se reduz apenas à dimensão epistolográfica) começando com hegemonia e revolução passiva, de origem leniniana o primeiro, e de Vincenzo Cuoco, o segundo, são "gramscianizados", até se tornarem as pedras angulares de um proceder discursivo que abre novos caminhos na mesma história do marxismo teórico. E é bastante claro, por exemplo, que a centralidade da hegemonia, que, apesar das oscilações teóricas ou talvez especialmente lexicais, vem de Gramsci colocada em oposição ao "domínio", com os respectivos significados de construção de consenso e coerção, assume um significado de polêmica em relação ao que está acontecendo na Rússia, mesmo que o ano dos "grandes expurgos", o 1937, é aquele em que um homem agora reduzido aos extremos nos níveis físico e psicológico, vive apenas pelos primeiros quatro meses.

No entanto, sua estrela polar permanece, marxianamente, a "libertação do proletariado de suas próprias cadeias": e Marx, em retrospectiva, torna-se uma espécie de tela por trás da qual refugiar-se contra o marxismo e, acima de tudo, sua versão caricaturada que se tornou uma lei que acrescenta um hífen, tornando-se marxismo-leninismo, que no auge do início dos anos 1930, Gramsci, já havia abandonado completamente, mesmo se, deve-se enfatizar, nunca lhe pertenceu, se não no fogo de uma luta política, mais do que no esforço de um elaboração teórica. Por exemplo, ela no "caderno especial" *Americanismo e Fordismo* aparece, no final, muito longe de toda a bagagem do marxismo da época e, mais, precursora de análises sucessivas, e especificamente aquela dos "Frankfurtianos", que entretanto haviam se transferidos nos Estados Unidos e puderam observar de perto aquela realidade – socioeconômica, cultural, antropológica – que Gramsci captura em suas páginas com habilidades intuitivas surpreendentes. As quais, apesar das aberturas teóricas extra-marxistas, nunca se tornam uma renúncia ao objetivo da mudança radical. A centralidade do "fator C", como Cultura, como dissemos, o novo papel atribuído aos intelectuais – um dos fios vermelhos que percorre a inteira produção dos escritos de Gramsci –, a reconsideração do Estado em suas funções "estendidas", a reavaliação da ciência

política, mesmo nas releituras críticas de seus clássicos, são ulteriores elementos que enriquecem o quadro da "heterodoxia" gramsciana.

A qual, no entanto, não difere politicamente da opção revolucionária, entendendo-se que, à luz da derrota que foi dita, ela não apenas pode sofrer modificações estratégicas e táticas (a rejeição da nefasta teoria do "socialfascismo", a tese de uma "Constituinte", democrática e antifascista, que Gramsci, embora preso, tenta em vão que seu partido aceite, parece não implicar em nada uma aceitação da democracia liberal, se não como uma fase de transição), mas deve ser radicalmente repensada em nível teórico, "no Ocidente", isto é, nas sociedades de capitalismo avançado, embora em níveis diferentes (Nova York não é Milão!). Portanto, não se trata de um mero recuo tático, mas da abertura de uma nova veia teórica, que inclui, por um lado, o progressivo enriquecimento da bagagem marxiana, por outro, o abandono do marxismo dominante da época. A derrota deu a ele a oportunidade.

A difícil dialética entre ortodoxia e heterodoxia, em um pensador que também é um líder partidário ligado a uma tradição longa e multiversa, e a fortes vínculos políticos, acabou produzindo um pensamento que, embora inequivocamente se coloca "à esquerda", resulta absolutamente original: dentro e, juntos, além do marxismo.

Dentro da década que começa com a prisão de Antonio Gramsci (8 de Novembro de 1926) até sua morte (27 de Abril de 1937), existem seis anos (1929-1935) de poderosa criatividade teorética, a partir do momento em que ele recebe a permissão para escrever, por algumas horas por dia (Fevereiro de 1929): o resultado está contido em 33 Cadernos, que serão publicados pela primeira vez entre 1948 e 1951, em uma edição temática, em 6 volumes, concebida por Palmiro Togliatti, e com curadoria de Felice Platone, para Einaudi. Uma edição questionável no nível filológico, mas inteligente no nível editorial e político: facilitava a leitura de um texto inacabado e permitia um melhor uso do pensamento gramsciano como base do "novo partido" de Togliatti, no início de uma prudente tomada de distância da URSS. Tivemos que esperar até 1975 para ter a edição crítica, com curadoria de Valentino Gerratana: e foi quase um novo Gramsci, o que foi liberto da interpretação de Togliatti; hoje, como parte da Edição Nacional de todos os escritos, está em andamento uma edição filológica ainda mais precisa, dirigida por Gianni Francioni, que permitirá a máxima usabilidade dos textos gramscianos.

Desde o momento em que foi preso, até o início dos *Quaderni*, Gramsci teve apenas a possibilidade de escrever cartas, que, no entanto, não devem ser entendidas como um simples documento afetivo: elas fazem parte dos *Quaderni*, fornecendo ajuda, não apenas para datar, no máximo possível, as notas coletadas nos próprios *Quaderni*, mas também para entendê-las. Segue a utilidade de uma leitura paralela dos dois *corpus*.

No entanto, a filologia e a cronologia não devem induzir à fragmentação do *Quaderni del Carcere*, que, mesmo em sua provisoriedade e fragmentação, constituem, em certo sentido, "uma obra" e, não apenas graças à tradição que assim os lê: através de uma análise mais detalhada, podemos perceber o desejo do autor de superar a fragmentação, enquanto seu pensamento

permanece dialógico e, portanto, 'fragmentista'. Não é por acaso que ele retorna, depois de um certo tempo do início da redação, aos textos, reformulando-os e até esboçando os ensaios completos (os "cadernos especiais"). A ligação entre a condição física e psicológica do recluso e seu trabalho intelectual não deve ser negligenciada; isto é, entre a degradação física e a elaboração teórica; o mesmo estilo do escritor sofre por isso. A percepção da derrota, sua pessoal, do Partido Comunista, e do inteiro movimento trabalhista ocidental, o leva a um repensar doloroso que, no entanto, não é uma negação de seus próprios ideais. Mas o trabalho de Gramsci, na longa detenção, também se mostra como uma meditação aguda sobre a modernidade, a do século XX, e mais geralmente do grande processo de constituição do "moderno".

A redação das primeiras notas dos *Quaderni*, entre 1929 e 1931, além dos exercícios de tradução (com escolhas que não eram casuais), coincidem com o "ponto de virada" dentro do Comintern, que representou um momento de aguda crise no seio do movimento comunista, que foi uma oportunidade para o dirigente na prisão repensar a história e os problemas daquela comunidade da qual ele continuava se sentindo parte, e era objetivamente assim; ele analisa e escreve com o desapego de quem ao qual é impedido de ser ator político, mas que continua a pensar politicamente, mesmo usando uma metodologia histórica, recorrendo às mais diversas disciplinas: filosofia, literatura, ciência política, economia, direito, antropologia , sociologia, teatro, ciências exatas ...

Os *Quaderni* tornam-se, gradualmente, um autêntico "Zibaldone de pensamentos", que hoje nos parece um reservatório de conceitos para interpretar o moderno. Trata-se de uma obra fortemente imbuída de historicidade que transcende a história, a de seu tempo, a do movimento comunista, a do proletariado. Daí a importância de datar as páginas dos *Quaderni*, dando-lhes uma leitura diacrônica, sem sucumbir à exasperação filológica, tendo em vista que elas possuem uma espécie de "estrutura reticular" na qual o autor prossegue com uma escrita que foi definida "a espiral". Por isso, é importante tentar reconstruir a rede de temas trazidos ao foco por Gramsci, o qual prossegue revisando os primeiros textos redigidos (os *Quaderni Miscellanei*), acrescentando, especificando, introduzindo mudanças em sua própria elaboração (e são os "*Quaderni di seconda stesura*" ["Cadernos de segunda redação"])

Em um dos primeiros *Quaderni* (o número 1 e precisamente o parágrafo 44), Gramsci abordou uma questão diretamente histórico-política: a da "Direção política de classe antes e depois de ir ao governo". Um texto considerado «esclarecedor tanto pelo argumento quanto pelo contexto em que o tratamento gramsciano ocorre»[5]. De fato, o tema foi abordado em outros *Quaderni*, tanto que é um daqueles sobre os quais a análise de Gramsci mais se dedicou, particularmente sobre a formação do Estado unitário italiano, com a luta política interna entre as diferentes correntes do Risorgimento, em particular o contraste entre o Partido de Ação, ou seja o componente mais avançado, chefiado por Mazzini (e Garibaldi e os outros), por um lado, e os moderados, ou seja, os conservadores liberais de Cavour e sócios. Mas, falando do Risorgimento, Gramsci fala de Marx, e de sua análise do jacobinismo, fala de Trotsky e da "revolução permanente" e, em segundo plano, refere-se, com toda probabilidade, ao que está acontecendo no

grupo dirigente soviético, depois da vitória de Stalin. E Gramsci parece querer recuperar Lenin precisamente em função anti-Stalin, quase como se quisesse deixar claro para seus camaradas russos e para a liderança de seu próprio Partido, que eles estão cometendo um erro capital ao se afastarem de Lenin: afinal, Gramsci retomava, da maneira que lhe era permitida na situação prisional, senão os argumentos, o espírito da carta de outubro de 26, mas no nível argumentativo, o pano de fundo consistia nas Teses de Lyon e no escrito sobre a "questão meridional", com aquele característico entrelaçamento entre história e política que caracteriza toda a reflexão gramsciana.

O Sul, que no desenvolvimento dos *Quaderni* também se tornou uma metáfora para o Sul do mundo, era e teria permanecido até o fim no centro do interesse político e historiográfico daqueles que sempre se consideraram um homem do Sul. E falar do Sul significava encarar a principal questão historiográfica e também política da Unificação da Itália; que, por sua vez, era uma maneira de destacar pelo menos algumas das causas do movimento fascista e sua vitória. Mas refletir sobre a formação do Estado unitário, de seus "defeitos", no entanto, implicava uma reconstrução histórica, atenta aos sujeitos sociais, aos interesses económicos, mesmo antes que às escolhas políticas das classes dominantes. Este era um tópico de curso antigo, para Gramsci, uma verdadeira preocupação para o meridional "subido" no norte, o ilhéu emigrado "para o Continente". A leitura crítica do processo unitário – frequentemente mencionada nos textos de pré-prisão, a partir dos artigos jornalísticos até os documentos políticos (*Tesi di Lione*, por exemplo), até o ensaio sobre a questão meridional – constituiu um *leit motiv*, em suma, nos escritos de Gramsci. Isso levou a uma análise precisa das posições políticas dos atores em campo, com a denúncia precisa das responsabilidades da classe dominante liberal, do peso da Igreja Católica, dos limites e erros dos líderes da democracia mazziniana e garibaldina. «O partido liberal não teve a audácia e a força que teriam sido necessárias», escrevia, por exemplo, no final da guerra mundial, referindo-se à força do catolicismo e ao papel invasivo do Vaticano[6]. Mas esse também era o assunto doloroso do sacrifício do sul em vantagem do norte, que justamente nos *Quaderni* teria sido desenvolvido extensivamente, mas que encontra expressão em várias passagens dos anos anteriores, quando, no entanto, após o fim da guerra mundial, muitos jornalistas e estudiosos, colocaram o problema do sul, em uma fase histórica da reconstrução nacional, que inevitavelmente se referia ao primeiro processo de construção do Estado italiano. Em 24, portanto, antes do ensaio sobre a questão meridional, ele escrevia, por exemplo, que o sul da Itália «continua sendo o problema central de toda revolução em nosso país e de toda revolução que deseja ter um amanhã»[7].

O interesse na formação do Estado unitário traduz em uma forma não sistemática e inorgânica, grande parte da elaboração propriamente histórica do autor, que exerce seu próprio «esforço específico e consciente»; desde que, a história italiana em Gramsci «é, antes de mais nada, e sob algum ponto de vista exclusivo, o *Risorgimento*: o problema das origens, das lutas, das soluções do *Risorgimento*»[8]. Como um bom pesquisador do passado, ele não desistia de procurar as origens mais distantes, até remotas, dos problemas que surgiram no *Risorgimento*, mas, diferenciando-se de Gobetti e de Missiroli – jornalistas que intervieram com várias fórmulas

sobre o assunto – ele abandonou qualquer discurso sobre o reconhecido "caráter dos Italianos", ou sobre os defeitos genéticos inescrutáveis, indo antes em busca de fatores estruturais, aos quais atribuir o papel de elementos de determinação de orientações políticas.

Aqui, pelo contrário, pode-se observar como a partir de um primeiro momento em que o marxista Gramsci parece aderir a uma ideia canônica do materialismo histórico, com a mera determinação dos fenômenos políticos, ideias entendidas, por fatores econômicos e sociais, sempre em relação ao tema *Risorgimento*, teria passado, em um ou dois anos, entre 1929 e 1931, para uma posição muito mais dialética e problemática, dentro de um caminho de distanciamento, rápido com a nova década, do marxismo-leninismo e do materialismo dialético. Mesmo se, nos primeiros *Quaderni* Gramsci, não aborda a questão do ponto de vista teórico, essa é a relação, marxianamente entendida, entre estrutura e "superestrutura", justamente nas notações históricas parece aderir à ideia de que a primeira determine a segunda, mas sucessivamente, já na segunda metade dos anos trinta, nas notas intituladas *Appunti di filosofia*, retomadas e desenvolvidas alguns meses depois (*Appunti di filosofia. Seconda serie*), afasta-se decididamente de qualquer concepção determinista, repudiando precisamente o mecanismo de Nikolai Bucharin, que em 1921 tinha publicado sua bem-sucedida *Teoria do Materialismo Histórico*, reeditada várias vezes, com um subtítulo que Gramsci usou, em sua análise crítica: *Manual popular de sociologia marxista*. Alguns anos antes, em 1925, esse texto havia sido usado, até traduzido em alguns capítulos, para a escola de treinamento que ele criara no seio do Pcd'I; agora ele não apenas se afastava dele, mas tomava Bukharin, o grande teórico de uma concepção do marxismo que era semelhante à igreja, dogmática e mecanicista. Talvez se poderia também falar de uma fúria que parece avassaladora, enquanto na época Bukharin havia caído em desgraça, nas altas esferas, e estava prestes a ser expulso[9]. Mas Bukharin, na altura da época, servia precisamente como o nome-símbolo de uma concepção filosófica (que tinha uma implicação política precisa) para repudiar e lutar, precisamente no momento em que se afirmavam, no Comintern stalinizado, as posições da luta sem quartel à social-democracia, apresentada como aliada e cúmplice do fascismo.

Entre a segunda metade de 1930 e o final de 1931, todos os resíduos do esquematismo marxista desaparecem na elaboração gramsciana. Falando novamente em Karl Marx, Gramsci observava, com veemência que, além da teoria da estrutura e da superestrutura, o "fundador da filosofia da práxis", como ele o chama para evitar escrever um nome, nas obras históricas, que tinham objetos concretos e precisos, evitava de «apresentar toda flutuação da política e ideologia como uma expressão imediata da estrutura», e propunha análises muito articuladas, sob a bandeira de uma cautela que não lhe era permitida na obra puramente política ou nas «obras gerais»[10]. Essas "notas" foram de 1930 a 1931; seguida por uma "terceira série", datada de 1931-32, na qual Gramsci deu mais um passo para se distanciar do marxismo de sua época, na versão leninista, subespécie stalinista, mas até questionava, em certo sentido, o próprio Marx, pelo menos em certas formulações que se tornaram fórmulas na lição imposta por Stalin e seus escribas, falando da terminologia «convencional»: o binômio estrutura-superestrutura, por exemplo, ou a expressão materialismo histórico, ou pior "dialética materialista", nem uma nem outra nunca foram usadas por Marx[11]. Não era um distanciamento do marxismo, nem um repúdio de Marx, mas sua

realocação na localização histórica precisa que lhe pertencia, e uma primeira tentativa significativa de enriquecer, esclarecer e ampliar o campo marxiano.

E, como prova do nexo entre a dimensão historiográfica e a ação política, se liga a atenção ao problema do Estado em geral, um tema pouco frequente no contexto do socialismo (que em 1917 havia encontrado uma formulação canônica em *Estado e revolução* de Lênin), e em particular à formação do Estado moderno[12], e passando diretamente da historiografia à teoria política, com um olhar cada vez mais atento ao presente, uma reconsideração do Estado em termos que pouco tinham a ver com os leninianos. O Estado, portanto, torna-se um problema teórico, e não apenas um objeto de reconstrução histórica (a partir da reflexão sobre o Estado nacional italiano), de acordo com um esquema que se consolida gradualmente na redação das notas, ou seja a partir de um caso de estudo histórico, ou de uma discussão historiográfica sobre um determinado problema, chega a uma teorização. Em outras palavras, a teoria política de Gramsci sempre surge da observação empírica ou da reflexão histórica: nesse sentido, podemos ver facilmente uma forte afinidade com Niccolò Machiavelli, que, como Gramsci, construiu sua própria teoria política a partir de uma experiência pessoal, como funcionário de Florença, antes República, depois Principado, ou pelos *exemplo* que oferecia a história[13]. A atenção extraordinária que a Sardenha deu ao florentino não é acidental, como será visto em breve, também em relação à retomada do tema do Estado, onde encontraremos novidades significativas em relação aos "cânones".

De qualquer forma, o elo entre elaboração teórica, reconstrução histórica e experiência pessoal é exaltado e ao mesmo tempo problematizado pela plena consciência que Gramsci, mesmo com um conhecimento que nem sempre é tempestivo ou completo, do choque amargo no seio do movimento e da sua recusa, que podemos considerar explícita, do "ponto de virada", um caminho sem saída, do qual é necessário recuar. São suas considerações políticas que emergem aqui e ali, dentro de análises mais propriamente históricas, sempre de forma imprecisa, se não realmente criptografada. São frases incidentais, das quais derivam diretrizes gerais. «A difusão de um centro homogêneo de uma maneira de pensar e operar», escrevia ele, «é a principal condição»; e era uma concessão ao centralismo, mas, enfatizava, «não deve ser e não pode ser a única»; e era a reivindicação do pluralismo. O tema aqui é representado pelo jornalismo e, especialmente, pelas revistas de cultura, e Gramsci, de acordo com um método aplicado continuamente, na verdade acrescenta à análise histórico-política, as notações linguísticas, muito frequentes nos escritos prisionais (tanto nos *Quaderni* quanto nas Cartas), como quando escreve: «todo movimento político cria sua própria linguagem [...] introduzindo novos termos, enriquecendo novos conteúdos aos termos já usados, criando metáforas» (quase parece estar falando de si mesmo, inventor e malabarista de palavras); mas ele também faz observações sobre o tema, igualmente recorrente, da cultura popular e seus limites: é um erro pensar, escreve ele, «que todo estrato social elabora sua consciência e sua cultura da mesma maneira, com os mesmos métodos, ou seja, métodos de intelectuais profissionais». E então ele propõe a «revisão da literatura mais difundida e popular, combinada com o estudo e a crítica das correntes ideológicas anteriores»[14].

É provável, em substância, que, por trás dessas observações, ocultem-se no movimento comunista referências à situação atual, mas também, no contraste entre *Risorgimento* e fascismo, à luta contra este último, que exigia já não uma atitude sectária, mas de abertura máxima, capaz de associar a força urbana do norte, o proletariado industrial, a outros grupos sociais, como os camponeses do sul, semelhante ao ocorrido no *Risorgimento*, onde a força urbana era representada pela burguesia empreendedora do Norte[15]. Foi a retomada da brochura de 26 sobre a *Questione meridionale*, e das mesmas *Tesi di Lione*, que hoje, à luz do Plenum de 1929, o Comintern, e, portanto, o próprio PCI, negava. Basicamente, na década de 1930, a discordância gramsciana começou a aparecer, embora contra a luz, com relação ao que se sabia sobre os eventos traumáticos no interior do Partido, com as expulsões dos "três", de Bordiga, de Tasca, e logo depois de Silone, do qual, no entanto, ainda era ignorado seu jogo duplo. Ver na crise econômica gerada pela "Sexta-Feira Negra", de 29 de outubro de 1929, em Wall Street, o início da crise final do sistema capitalista, uma tese fundamental que suporta a linha adotada pela IC, foi claramente uma ideia absurda[16]. Em novembro, foi o mesmo Togliatti, de acordo com a linha, que escreveu que «Elementos de uma situação revolucionária aguda estão amadurecendo na Itália», embora, com prudência inteligente, ele tenha observado que havia um «desequilíbrio entre a situação objetivamente revolucionária e a organização das forças da revolução»[17].

A situação, na verdade, não parecia nem um pouco próxima da revolução e, precisamente, quem deveria tê-la levantada, teve o problema de resistir à contrarrevolução, enquanto o capitalismo se assestava, entre manobras políticas e econômicas. O *New Deal* nos Estados Unidos de Roosevelt, o corporativismo fascista, com grande intervenção estatal na economia (em 1931 nasceu o IRI, o Instituto para a Reconstrução Industrial, o instrumento máximo a esse respeito) e os acordos com a Igreja Católica, na Itália de Mussolini, mostravam que o sistema sabia absorver os golpes. Na Itália, em particular, o regime fascista estava cada vez mais confiante em direção ao totalitarismo perfeito: os comunistas, a força de oposição mais organizada, constituíam o maior obstáculo e precisavam ser destruídos. Assim, as detenções preventivas aumentaram, com sentenças proferidas pelo Tribunal Especial, de confinamento e prisão, e o trabalho de infiltração de agentes secretos em suas fileiras também aumentou.

Além da natureza fragmentária da escrita dos *Quaderni*, também devemos considerar seu caráter muitas vezes alusivo, simbólico, circunspecto, por medo da censura e, muitas vezes, sujeita à autocensura do próprio Gramsci. No entanto, permanece um fato: apesar da declaração de redação *für ewig*, conceito de derivação goethiana, que alude a um uso prático não imediato de suas reflexões, a intenção fundamental dos *Quaderni* é política; para continuar no caminho da revolução, precisamos entender as razões da derrota. Trata-se, portanto, de repensar a revolução, não de renunciar a ela, mas de definir um novo modelo, diferente do canônico do Outubro russo: uma revolução como processo não como ato, como construção hegemônica, não como ataque frontal. Daí a complexa elaboração da figura e o papel do intelectual, do qual ele amplia os limites, enfatizando que não trata-se de uma categoria, no entanto, mas que cada classe tem e deve ter seus próprios intelectuais. O proletariado, em particular, tem essa necessidade, na fase presente, após a derrota.

Obviamente, existem páginas mais imediatamente políticas, mesmo na forma criptografada; outros são de forma mediada, em um tratamento que favorece uma abordagem histórica, mas atenta às áreas de outras ciências humanas e sociais. A busca pelas causas da derrota implica uma reflexão sobre os vencedores, as forças que derrotaram o movimento proletário, ou seja o fascismo e o americanismo: duas faces, em essência, do capitalismo. Nas páginas do "caderno especial" *Americanismo e fordismo*, é notável a capacidade de penetrar aquele mundo, com análises que parecem antecipar as dos expoentes da "Escola de Frankfurt", mas com atenção ao fator econômico não relacionado às análises de Adorno e colegas e com um traço decididamente mais político, não de mera denúncia moral, da qual goza, no entanto, dos benefícios daquela sociedade que critica.

Em relação à crise de 1929, a leitura gramsciana desafia a linha do Comintern e derruba a interpretação que considera iminente o colapso do capitalismo e o advento do comunismo. Mesmo que a sociedade de homens e mulheres livres e iguais estivesse próxima, Gramsci ainda considera necessária uma fase de transição, com a recuperação da democracia: esse é o significado da proposta da Constituinte, um agrupamento de forças antifascistas de orientação comum. Uma proposta que levanta forte oposição dentro do Pcd'I, criando dificuldades para Gramsci em suas relações com seus companheiros como ele na prisão.

A dissidência de Gramsci também se torna a base para refletir sobre o capitalismo, com um afastamento da linha rigidamente marxista. Na concepção que está sendo definida, o capitalismo não é mais apenas um "modo de produção", mas uma civilização como os Estados Unidos mostram, para melhor ou para pior. E para esse mundo é preciso olhar para apreender as novas características da modernidade capitalista e tentar esboçar uma nova teoria marxista para entender e lutar.

Essa foi a época do resto em que Gramsci fazia um esforço para delinear um perfil diferente da revolução, usando as categorias "Ocidente" e "Oriente" como uma comparação opositiva. No Ocidente, isto é, nas sociedades de capitalismo avançado, a revolução não podia mais ser concebida de acordo com o modelo bolchevique, o que ocorreu em 7 de novembro de 1917, em Petrogrado, com o ataque ao Palácio de Inverno; a revolução não apenas tinha que ser preparada com um lento trabalho ideológico e cultural (como Gramsci teorizou já nos anos de juventude), mas tinha que ser construída como um processo destinado a substituir a hegemonia proletária e a dominação burguesa com aqueles proletários, trabalhando essencialmente nos campos da cultura , graças aos intelectuais "orgânicos" da classe trabalhadora, da classe dos explorados e dos oprimidos. Uma classe que, portanto, só pode se tornar "dominante" se for capaz de ser "dirigente", realizando uma contra-hegemonia com relação à hegemonia do capital.

Daí a importância de se ter intelectuais próprios, cuja principal tarefa é ajudar a classe a se tornar hegemônica. Uma classe que, no entanto, ao longo do tempo, Gramsci começou a ver em suas transformações, a ponto de começar a falar de "grupos subalternos" em vez de "proletários" ou "classe trabalhadora": uma das grandes novidades do trabalho intelectual na prisão, uma novidade que hoje, ao lado do conceito de hegemonia, parece estar entre as principais

explicações da fortuna atual do pensamento gramsciano, mais adequado do que o de outras grandes figuras que refletiram sobre as características da modernidade do século XX, para entender os aspectos sociais e culturais do nosso tempo, com a finalidade de sua transformação radical. Um dos elementos que definem uma nova teoria do marxismo, uma redefinição do campo do marxismo, uma extensão capaz de adaptá-lo às mudanças econômico-sociais, mas também ideológicas-culturais que o mundo ocidental está sofrendo entre as duas guerras mundiais. Não é uma renúncia, mas uma adaptação a essas mudanças, mas também trata-se, paralelamente, de um distanciamento gradual do marxismo "oficial", dogmático, bloqueado imposto pelo stalinismo, através da voz, agora completamente subordinada à de Stalin, da IC.

Tudo isso se desenvolve gradualmente, no "zibaldone" gramsciano, entre 1929 e 1935, com um recurso maciço à reconstrução histórica e um tratamento teórico-linguístico preciso, embora nem sempre coerente e univoco (devemos levar em consideração o caráter de obra em aberto, do laboratório, que os *Quaderni* possuem). Assim, define-se uma série de conceitos fundamentais que comprovam a tentativa e o esforço de Gramsci de dar vida a uma nova teoria geral do marxismo: conceitos que não encontramos em Marx nem na tradição marxista e leninista: hegemonia, grupos subalternos, revolução passiva, bloco histórico, sociedade regulada, Estado ampliado, nacional-popular, cesarismo (progressivo e regressivo) e assim por diante: são ideias-força que Gramsci frequentemente retoma de outros autores, mesmo fora da tradição marxista, inspirado e influenciado não apenas por Marx, Labriola, Lenin, mas por Croce, Sorel, pelos pragmatistas americanos e pelos elitistas italianos... acredito que seu principal autor, na prisão, se torne Maquiavel (esse foi o tema da minha intervenção no II Colóquio Gramsci em Marília, 2011), também por um processo de auto-imedesimação na figura do Secretário Florentino, que foi forçado a abandonar a política ativa, como ele, pronto para recuperá-la recorrendo à bagagem da experiência direta e ao conhecimento da história. Como Maquiavel, nos *Quaderni* Gramsci reflete sobre a política e sobre o político (entendido como conceito), sobre a formação da *leadership*, sobre os problemas do Estado moderno, e, ao invés que sobre o Príncipe como figura individual, sobre o Príncipe como intelectual coletivo, ou seja o partido político (comunista), e se o olhar maquiavélico persiste sobre Florença e sobre a Itália do século XVI, cabe a Gramsci refletir sobre o "seu" sul da Itália explorado e desprezado, sobre o *Risorgimento*, como uma revolução fracassada, e sobre a questão meridional, em relação àquela nacional, colocada em um plano supranacional. A ideia juvenil de um comunismo como humanismo integral emerge elipticamente, um comunismo que não teria forçado os homens a serem livres, capaz de construir uma sociedade igualitária, na qual os processos políticos teriam sido proibidos, onde a cultura teria sido um recurso a ser valorizado, e onde teria sido garantido a todos o direito de apreciar a beleza, como ele escreveu em 1919 ("Não, o comunismo não apagará a beleza e a graça").

O comunismo como "humanismo integral", de Gramsci teorizado naquela época, permanecerá o ponto de apoio de uma concepção ético-política, que será necessariamente baseada em uma nova elaboração teórica, isto é, uma nova "teoria geral do marxismo".

REFERÊNCIAS

Textos de Gramsci

GRAMSCI, Antonio. **La costruzione del Partito comunista**, Einaudi, Torino 1971

_____. **Disgregazione sociale e rivoluzione. Scritti sul Mezzogiorno**, a cura di F.M. Biscione, Liguori, Napoli 1995

_____. **Lettere dal carcere**, a cura di S. Caprioglio e E. Fubini, Einaudi, Torino 1965

_____. **IL nostro Marx**. *1918-1919,* a cura di Sergio Caprioglio, Einaudi, Torino 1984

_____. ***Quaderni del carcere. Edizione critica dell'Istituto Gramsci***, a cura di V. Gerratana, Einaudi, Torino 1975

_____. **Quaderno 13. Noterelle sulla politica di Machiavelli**, Introduzione e cura di C. Donzelli, Einaudi, Torino 1981.

_____. **Risorgimento italiano**, Introduzione e note di Corrado Vivanti, Einaudi, Torino 1977

_____. **Il Vaticano e l'Italia, Introduzione di Angelo d'Orsi**, Editori Internazionali Riuniti, Roma 2011

Outras obras

COSPITO, Giuseppe. **Introduzione a Gramsci**, Il Melangolo, Genova 2015

DANIELE, Chiara (a cura di). **Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca**, Einaudi, Torino 1999

D'ORSI, Angelo (a cura di). **Inchiesta su Gramsci. Quaderni somparsi, abiure conversioni, tradimenti: legende o verità?** Accademia University Press, Torino, 2014.

_____. **Gramsciana. Saggi su Antonio Gramsci,** Mucchi, Modena 2015 (2a ed. riv . e agg.)

_____. **Gramsci. Una nuova biografia**, Feltrinelli, Milano 2018 (nuova ed. riveduta e arricchita)

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale. **Dizionario gramsciano**. *1929-1935*. Carocci, Roma

PAGGI, Leonardo. **Gramsci e il moderno Principe. I. Nella crisi del socialismo italiano**, Editori Riuniti, Roma 1970

ROSSI, Angelo. **Gramsci in carcere. L'itinerario dei Quaderni** *(1929-.1933).* Editori Guida

ROSSI, Pietro (a cura di). **Studi gramsciani**, 2 voll., Editori Riuniti, Roma 1969

TOGLIATTI, Palmiro. **Opere. III**. *1929-1835*, a cura di Ernesto Ragionieri, Editori Riuniti, Roma 1973

NOTAS

1 **Angelo d'Orsi** è stato professore ordinario di Storia del pensiero politico all'Università di Torino. Ha insegnato anche numeose altre discipline. È stato *visiting professor* in vari atenei, in particolare in Brasile e in Francia. Studioso del pensiero di Antonio Gramsci, si occupa di storia della cultura e degli intellettuali nell'età contemporanea, di nazionalismo e fascismo, di guerre e di pacifismo, di metodologia storiografica e di storia della storiografia. Svolge anche attività di conferenziere a livello internazionale e di commentatore giornalistico. Ha ideato e dirige, dal 2009, "Historia Magistra. Rivista di storia critica" e "Gramsciana. Rivista Internazionale di Studi su Antonio Gramsci" (2013). Dirige la collana "BHM. La Biblioteca di Historia Magistra" (Accademia University Press, Torino 2014-…). È membro della Commissione per l'Edizione Nazionale degli Scritti di Antonio Gramsci e di quella per le Opere di Antonio Labriola. Ha pubblicato oltre 30 volumi, un centinaio di saggi, un migliaio di articoli. Svolge una intensa attività di conferenziere. E-mail: angelo.dorsi@unito.it

I suoi libri degli ultimi anni sono:

Alfabeto Brasileiro. 26 parole per riflettere sulla nostra e *sull'altrui civiltà*, con fotoreportage di Eloisa d'Orsi (Ediesse, Roma 2013); *Inchiesta su Gramsci. Quaderni scomparsi, abiure, conversioni, tradimenti: leggende o verità?* (cura, Accademia University Press, Torino 2014); *Gramsciana. Saggi su Antonio Gramsci* (Mucchi, Modena 2014; Nuova ed. riv. e agg., ivi 2015); *1917. L'anno della rivoluzione* (Laterza, Roma-Bari 2016; ed. portoghese: *1917: o ano che mudou o mundo*, Préfacio de Miguel Real, Bertrand, Lisboa 2017); *Gramsci. Una nuova biografia* (Feltrinelli, Milano 2017, quattro edizioni; Nuova ed. riv. e accr., ivi 2018; trad. portoghese in corso presso Expressão Popular, São Paulo); *L'intellettuale antifascista. Ritratto di Leone Ginzburg* (Neri Pozza, Milano 2019).

2 La lettera di Gramsci (14 ottobre) la replica di Togliatti e la controreplica di Gramsci, com molti altri documenti sono raccolti in Daniele 1999.

3 La piú recente riconstruzione ritengo equilibrata è quella che ho fato in D'Orsi 2018 e *D' Orsi* (a cura di), 2014.

4 In uma lettera ala moglie Giulia Schucht (13 gennaio 1931): ora leggibile in molte raccolte, a cominciare, *LdC*, 1965, pp. 397-399

5 Rossi 2014, p. 13.

6 A.G., *I cattolici italiani*, in «Avanti!» (ed. piem.), 22 dicembre 1918: *NM*, pp. 455-60. Ma vedi anche i testi raccolti in *Vatic.*, con la mia *Introduzione*.

7 *Il Mezzogiorno e il fascismo*, in «L'Ordine Nuovo», I, n. 2, 15 marzo 1924: *CPC*, pp. 171-75; *DSR*, pp. 125-29

8 G. Galasso, Gramsci e i problemi dela soria italiana, in P. Rossi 1969, I, p. 308.

9 Cfr. F. Frosini, *Bucharin, Nikolaj Ivanovič,* in *Dizionario*, ad nomen.

10 QdC, p. * (Q7, § 24). Ma cfr. Cospito 2015, pp. 66 ss.

11 Cfr. Cospito 2015, pp. 70-71.

12 Cfr. C. Vivanti, *Introduzione* a *Ris.*, pp. XII ss. Ma sul tema Paggi 1970.

13 Cfr. D'Orsi 2015, pp. 183 ss.

14 QdC (Q1, 43), pp. **

15 QdC (Q1, 43), pp. 31, 33, 34

16 Cfr. Rossi 2014, pp. 13 ss.

17 **, *Andiamo noi, in Italia, verso una situazione rivoluzionaria acuta?*, in «La Stato operaio», III, 8, novembre 1929, in Togliatti III, 1974, pp.

Recebido em 15 de maio de 2020

Aceito em 29 de junho de 2020

Editado em junho de 2020